

Espada de Honra: General Osorio - O Legendário

Érico Storto Padilha¹
Carlos Alexandre de Almeida Costa²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo trazer à tona elementos históricos que envolveram a outorga de uma espada de honra ao General Osorio, patrono da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro, após campanha contra o Paraguai no início da década de 1870. Por meio de uma breve biografia do ínclito, analisaremos o contexto da concepção, constituição, concessão e simbologia da arma, 'A Espada de Honra' – outorgada em nome da oficialidade do Exército Imperial, como corolário de uma vida dedicada ao serviço militar e ao Império brasileiro.

Palavras-chave: General Osorio; Patrono da Cavalaria do Exército; Guerra do Paraguai; Espada de Honra; Exército Brasileiro.

ABSTRACT: This article aims to shed light on the historical elements that involved the granting of the sword of honor to General Osorio. Osorio, a patron of the Cavalry Weapon of the Brazilian Army, was awarded the sword following the military campaign against Paraguay in the early 1870s. From the beginning, we will analyze the origin, constitution, concession and symbolism of this weapon, 'The Honor Sword' – granted on the behalf of the Imperial Army officers, for the recognition for a life dedicated to military service and the Brazilian Empire.

Keywords: General Osório; Patron of Cavalry Army branch; War of Paraguay; Honor Sword; Brazilian Army.

Osorio - Breve Histórico

Pode-se dizer que foi sob a maestria de duas espadas gloriosas que repousou, por mais de meio século, a estabilidade da monarquia brasileira. A do legendário Osorio e a do imortal Caxias.

¹ Historiador - Membro do IHGSP e pesquisador associado ao CEPHIMEx. (Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército). E-mail: ericopadilha@gmail.com

² Historiador Militar – Membro do IGHMB e pesquisador associado ao CEPHIMEx. (Instituto de Geografia e História Militar Brasileira e Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército). E-mail: Carloscosta1796@gmail.com

Despretensiosamente, abordaremos, aqui, parte da Fé de Ofício daquele que, meritoriamente, conquistou o epíteto dado por Gustavo Barroso³ de “Centauro dos Pampas” e que tantos préstimos à Pátria despreendeu.

E a indelével trajetória militar do ínclito cavalariano Manuel Luís Osorio (1808-1879) começa em maio de 1823, quando, beneficiado por uma licença especial concedida pelo General Lecor⁴, com quinze anos incompletos, senta praça na Legião de Cavalaria da província de São Paulo para combater os lusitanos na Cisplatina.

A 13 de maio de 1824 jurava o efebo a Constituição Política do Império do Brasil, da qual seria, até o dia de sua morte, fiel guardião. Em 13 de outubro era reconhecido como Cadete de 1ª classe e, por decreto de 1º de dezembro do mesmo ano, promovido a Alferes no 3º Regimento de Cavalaria de 1ª Linha.

Em outubro de 1827, dia 12, é promovido a Tenente no 5º Regimento de Cavalaria. Unidade esta que, no ano seguinte, após o término da guerra no Prata, foi realocada em Bagé. Naquela altura, com aproximadamente vinte anos de idade, o jovem Tenente Osorio já computava 5 anos de praça efetiva com 3 anos servindo em campanha.

De Bagé foi designado para a guarnição de Rio Pardo.

Entre março de 1829 e agosto de 1831, foi destacado duas vezes para guarnecer a fronteira, e, como todo soldado, não poderia ser diferente. Vitimado por motivos alheios à sua conduta militar, foi recolhido preso em 08 de janeiro de 1832, sem culpa formada. Permaneceu até meados de dezembro, quando, então, foi solto “por fatos não comunicados ao Corpo”. (BARROSO, 1932, p.57)

Filiou-se ao grupo dos liberais moderados, organizados em torno de uma entidade política denominada “Defensora da Independência”, cujo lema era “trabalhar para que a Revolução Gloriosa, de 7 de abril de 1831 [data da abdicação de D. Pedro I], não se perdesse nos abismos da dissolução social”.

Ainda no conturbado período regencial, irrompida a Revolução Farroupilha, teve o jovem Osorio novamente destacado papel em inúmeros combates. Dentre eles, o aprisionamento do comandante da vanguarda rebelde Coronel Affonso de Almeida Côrte Real.

Em 21 de novembro de 1836, foi nomeado, em comissão, Major da 3ª Brigada de Cavalaria e, no ano seguinte, após furar o cerco imposto pelos rebeldes ao reduto das tropas legais estacionadas em Caçapava (hoje Caçapava do Sul), recebe do Vice-presidente da província do Rio Grande do Sul, Américo Cabral de Mello, o posto de Major comissionado da Legião e comandante da Cavalaria em Porto Alegre, em 1º de maio de 1837.

Em 22 de abril, sob ordem do Cel. Silva Tavares, assume o cargo de Major da 1ª Brigada de

³ Gustavo Adolfo Luís Guilherme Dodt da Cunha Barroso (1888-1959) foi um pesquisador, autor, político, catedrático da ABL e primeiro diretor do MHN. Na década de 1930, cunhou em sua obra “Osório, o Centauro dos Pampas” o apodo que imortalizou o General.

⁴ Carlos Frederico Lecor (1764-1836), General luso-brasileiro, veterano das guerras napoleônicas, foi Comandante das Forças portuguesas nas campanhas da Cisplatina e ocupou Montevideo em 1817 sob o julgo do rei D. João VI. Com a independência brasileira em 1822, Lecor passou a defender os interesses do Império do Brasil naquela região contra os Voluntários Reais que antes havia comandado.

Cavalaria da Guarda Nacional. A 3 de maio, trava combate nas proximidades do povoamento do Herval, o que lhe rende a promoção ao posto de Capitão em 20 de agosto de 1838.

Em dezembro de 1839, somando dezesseis anos de serviços, dos quais mais de nove em campanha, assume, como Capitão, a 3ª Companhia do 2º Regimento de Cavalaria.

Por ordem do dia de 17 de abril de 1841, deixa o cargo de Major de Brigada para assumir, também comissionado, o de Deputado do Ajudante-General junto ao Comando da 2ª Divisão.

Em 25 de maio do mesmo ano, deixa o cargo comissionado e passa a servir sob as ordens imediatas do comandante em chefe do Exército, o General João Paulo dos Santos Barreto. No ano seguinte, em 1842, por decreto de 27 de maio, é promovido a Major do 2º Regimento de Cavalaria (naquela altura, contando com antiguidade de 18 de julho do ano anterior).

Por Carta Imperial de 13 de julho, é agraciado cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro pelos relevantes serviços militares prestados a Pátria na província do Rio Grande do Sul.

A 15 de dezembro de 1843, assume o Comando interino do 2º Regimento de Cavalaria. Em 5 de junho, é nomeado cavaleiro da Ordem de São Bento de Avis e, em 23 de julho de 1844, é promovido a Tenente-Coronel.

O protagonismo e a fama do jovem cavalariano no Sul do Brasil extrapolaram a esfera militar, rendendo-lhe, em 1845, finda a revolução Farroupilha, capital político para eleger-se deputado provincial.

Em 1846, quando em diligência ao Rio Grande do Sul, visitou o Imperador D. Pedro II, coube ao Regimento de Osório lhe fazer a escolta. Tamanho o rigor marcial dos cavalarianos que a galhardia do piquete contemplava, por exemplo, a seleção de uma cavallhada composta somente por montarias brancas.

Em 6 de outubro de 1846, por Carta Imperial, é agraciado com o Oficialato da Ordem da Rosa.

Por ordem do dia do Comando em Chefe do Exército Imperial, em 5 de fevereiro de 1852, após relevantes serviços prestados na campanha do Uruguai, Osório foi louvado: “por haver com a bravura, perícia e sangue frio que o caracterizam, carregado, à frente de seu regimento, sobre uma bateria inimiga, tomando-a, pondo em completa derrota os que a guarneciam”.

Por decretos de 3 e 7 de março do mesmo ano, foi promovido a Coronel Comandante do 2º Regimento de Cavalaria Ligeira “por merecimento mais uma vez comprovado no campo de batalha”, é condecorado como Dignitário da Imperial Ordem do Cruzeiro pelos serviços prestados nas campanhas do Uruguai e Buenos Aires.

Ainda no mesmo mês, por decreto do dia 14, foi condecorado com a Medalha de Ouro juntamente com os oficiais superiores que tomaram parte na Batalha de Moron⁵.

Por ordem do dia de 12 de abril, passou a exercer o comando da 6ª Brigada de Cavalaria.

⁵ Batalha ocorrida em 3 de fevereiro de 1852, junto ao Arroyo Morón, nas cercanias de Buenos Aires, entre os Generais Urquiza e Rosas.

Por decreto do dia 2 de dezembro de 1856, Osório é graduado brigadeiro e passa a comandar as tropas na região da fronteira de São Borja. E é no comando dessa guarnição fronteiriça que recebe a missão de descobrir a localização dos “*Campos das Vaccas Brancas*”. Local que, segundo a tradição, teria abundância de gado crioulo e estaria na região das antigas Missões Jesuíticas brasileiras.

Esse feito merece especial atenção porque, embora não tenha encontrado raça alguma de gado naqueles rincões, um riquíssimo e precioso herval foi achado entre os rios *Pindahy e Cumandahy*⁶. E essa descoberta será, futuramente, recompensada pelo imperador como mote, quando da outorga da primeira titulação honorífica que imortalizou o ínclito como “primeiro e único barão, visconde com grandeza e marquês do Herval”.

Em abril de 1858, Osório passa a comandar uma força (equivalente a uma divisão) na região de Jaguarão e, por aviso do Ministério da Guerra de 25 de novembro do mesmo ano, é nomeado Inspetor do 2º Distrito da Arma de Cavalaria que compreendia a Corte e as províncias da Bahia e de Pernambuco.

Por decreto de 15 de junho de 1857, é promovido com efetividade no posto de Brigadeiro.

Em 1865, em detrimento de licença médica concedida ao Marechal João Propício Mena Barreto, Osório é designado a assumir interinamente o Comando do Exército, em operações no Estado Oriental (Uruguai).

Àquela altura, compunha o Exército Brasileiro estacionado no Uruguai, um efetivo de 13.181 homens dos Corpos de 1ª Linha, Guarda Nacional e voluntários, contabilizando 33 Corpos Especiais, 1.427 de Artilharia, 4.925 de Cavalaria e 6.796 de Infantaria.

Por Decreto Imperial de 18 de maio de 1865, o Brigadeiro Osório é nomeado Comandante em Chefe do Exército Brasileiro em operações contra o Paraguai e, por outro decreto, de 8 de julho, elevado em comissão ao posto de Marechal de Campo.

Em 18 de maio de 1866, o Marechal é agraciado com o título de Barão do Herval, com honras de grandeza, para distingui-lo e honrá-lo em sua qualidade de Comandante em Chefe do Exército Imperial em operações contra a República do Paraguai. (Para tal, fora evocado o feito da contribuição econômica da descoberta do herval ocorrido dez anos antes).

Em 15 de julho de 1866, o barão do Herval passa o Comando em Chefe do Exército para o Marechal de Campo, Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão e, no dia 18 do mesmo mês, embarcava com destino ao Brasil para tratar de ferimentos de combate.

Em 20 de outubro de 1866, é nomeado Comandante do Corpo de Exército em operações na fronteira do Sul do Brasil.

Em março de 1867, marcha novamente para Corrientes, Argentina.

Regressando ao teatro de guerra, por decreto de 1º de junho do mesmo ano, o governo Imperial lhe concede a patente de Tenente-General.

⁶ O local a que a bibliografia do início do século grafa como Pindahy é o atual arroio Pindai, que percorre o 3º Distrito Plano Alto na zona rural do município de Uruguaiana-RS. Vide mapa Anexo – A. Já o rio Cumandahy, hoje grafado Comandái, cruza a rodovia RS165 ao norte de Cerro Largo, região noroeste de Santo Ângelo-RS. Cumandahy, hoje grafado Comandái, cruza a rodovia RS165 ao norte de Cerro Largo, região noroeste de Santo Ângelo-RS.

Por decreto de 11 de abril de 1868, pelos serviços prestados na guerra contra o Paraguai, Osório recebe o título de Visconde, com grandeza. E por decreto do dia 20 de junho, é nomeado Grã-cruz da Ordem Militar de São Bento de Avis.

Em 26 de dezembro de 1868, também lhe é concedida a Grã-cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro. Em ordem do dia de 14 de janeiro de 1869, expedida pelo General em Chefe Marques de Caxias, são publicados eloquentes elogios diante das “provas irrecusáveis, da firme e inabalável dedicação que sempre manifestou ao serviço público e a minha pessoa”.

Em 20 de fevereiro de 1869, o General Visconde do Herval é condecorado com a Medalha de Mérito Militar (criada em 28 de março do ano anterior) por sua destemida participação nas batalhas que compuseram a “Dezembrada”.

Depois de retornar do Brasil, onde veio novamente tratar de diversas moléstias provocadas por ferimentos adquiridos em campanha, Osório assume novamente o Comando do 1º Corpo do Exército no Paraguai.

Em 29 de dezembro de 1869, é elevado a Marquês.

Em maio de 1870, recebe comunicação da Câmara dos Deputados da outorga de voto de louvor e gratidão, concedida por unanimidade, por “conquistar para a Pátria a glória imperecível contra o Paraguai”.

A 20 de julho, é lhe conferida a Medalha de Ouro pela Campanha do Uruguai por sua atuação naquele Estado Oriental (criada pelo Decreto nº 3488, de 28 de junho de 1865).

Em 6 de agosto de 1871, no Campo do Bonfim, em Porto Alegre, o Marquês do Herval é presenteado pelo Exército com uma espada de honra. Em 24 de maio de 1872, recebe a Medalha Geral de Campanha, em ouro (criada pelo Decreto nº 4560 de 6 de agosto de 1870).

Finda a missão militar, Osório que, àquela altura, já era popularmente reconhecido como o “intrépido dos intrépidos” e já havia se consagrado como “o legendário cabo de guerra”, coloca novamente seu nome à disposição da política e é nomeado, por Carta Imperial de 11 de janeiro de 1877, Senador Vitalício do Império.

Em 27 de julho de 1877, foi lhe concedida a patente de marechal graduado do Exército e, em 5 de janeiro de 1878, assume a pasta de Ministro da Guerra, ocupando este cargo, juntamente com a presidência do Conselho de Ministros, até a data de seu falecimento, em 04 de outubro de 1879.

A Espada de Honra

Como a maioria dos soldados da Pátria, Osório vivenciou batismos de ferro e fogo, fome e miséria, e experimentou situações de sítio e privações dentro de seu próprio território, ao longo de inúmeras missões no século XIX, da formação à defesa do Estado Nacional Brasileiro.

Como já mencionado brevemente, o denodo, a exaço, a intrepidez, a fidelidade com seus pares

e o compromisso com a Pátria são algumas das qualidades que caracterizaram a carreira do Patrono da Cavalaria. Como um dos corolários dessa indelével e desmedida carreira, militar e política, coube ao próprio Exército, à época, ainda na efervescência do fim da guerra, o reconhecimento público de mérito por meio de uma prática simbólica milenar: a outorga de uma espada de honra! E é sobre ela que este ensaio se dedica.

Após lançada a ideia de se presentear o Marquês do Herval, tamanho foi o entusiasmo e acolhimento que, em pouco tempo, arrecadou-se o necessário para sua confecção: 20 contos de réis⁷.

A ideia da presentação mobilizou não só a classe idealizadora - o Exército -, como também inúmeros outros segmentos e setores da sociedade brasileira, especialmente a classe artística. Esta última, sensibilizada por diversas chamadas públicas, veiculadas em anúncios de jornais, apresentaram junto à comissão encarregada pela subscrição, presidida pelo coronel Deodoro da Fonseca, ideias e projetos para a fabricação do distinto troféu em concurso público.

Desenhada e inicialmente modelada em gesso pelo escultor italiano José Berna⁸,

conhecido à época como “o Marmorista da Casa Imperial”, a espada foi manufaturada durante quatro meses nas oficinas do ourives português erradicado no Brasil Senhor Manoel Joaquim Valentim.

Segundo o escritor Mario Cruz, da Academia Petropolitana de Letras, estabelecido na Rua dos Ourives, nº 61, no Rio de Janeiro, Manuel Valentim, que àquela altura, já havia ganhado mais de uma dezena de prêmios por suas produções de ourivesaria, contou ainda com a ajuda do desenhista e escultor Nicolau Facchinetti, ligado à escola de Belas Artes, e de outros renomados pintores como Vitor Meireles e Pedro Américo.

Quanto às modelagens das figuras, incumbiu-se o escultor F. M. Chaves Pinheiro, professor da Academia de Belas Artes, autor da mais famosa estátua equestre do Imperador D. Pedro II (apresentada na Exposição Universal de Paris, em 1867, e cuja cópia é exibida no Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro)⁹.

Descrita como uma arma de concepção estética “ecclética, consoante ao gosto vitoriano”, a espada constitui uma verdadeira obra prima da ourivesaria brasileira. Peça digna de concorrer com as apresentadas na obra “O ouro no Brasil” de P. M. Bardi.

Sobre a ideia da presentação, é válido ressaltar que o agraciado em nada tomou parte. Ela foi, de maneira espontânea e genuína, germinada entre as fileiras do Exército.

Afastando quaisquer ilações sobre a influência de Osório sobre o ato corolário de sua carreira, o próprio General, em manifesto publicado em 20 de janeiro de 1871¹⁰, no Jornal do Comércio do Rio

⁷ Na década de 1860, 1 conto de réis, representados pela cifra 1:000\$000 (equivalente a 1 milhão de réis) adquiria 1kg de ouro. O valor arrecadado pela subscrição de 20 contos de réis 20:000\$000 (20 milhões de réis) corresponde, hoje em dia, a mais de R\$ 2.400.000,00. Para comparação, na década seguinte, espadas para oficiais, simples, de produção comercial, eram vendidas em anúncios publicitários no Rio de Janeiro por valores entre 19\$000 e 28\$000. Vide Anexo - B

⁸ Segundo o Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, na década de 1870 este já consagrado artista escultor estava registrado no segmento de “Armazéns e Loja de Mármore” atuando como escultor em ornatos diversos. É dele, por exemplo, as decorações que enfeitaram a praça da igreja da Glória quando se celebrou o Te-Deum pelo regresso do Conde D’Eu ao Brasil no início de maio de 1870. Vide anexos C e D.

⁹ Embora contemplados pelo opúsculo que embasa este ensaio (O SABRE DE HONRA DE OSÓRIO), e por vasta bibliografia do século XX, a participação de alguns dos quatro últimos renomados artistas no projeto da espada é questionável. Sobretudo por conta do envolvimento dos mesmos em outros projetos, alguns dos quais executados no exterior.

¹⁰ Ainda sobre essa polêmica, citamos aqui parte do manifesto publicado por José Berna em 20 de janeiro de 1871, na edição nº 20 do Diário do Rio de Janeiro: “O desenho da espada, assim como os moldes em gesso, foram feitos unicamente por mim, a pedido do Sr. Valentim, e não posso explicar o motivo porque se diz que tudo foi obra do mesmo artista. A verdade é que os modelos não se acham em meu poder, e sim somente o desenho, que pode ser visto por quem tiver interesse em desvendar esta questão, que não é para desprezar, quando se pretende dar a outrem glórias

de Janeiro (pág. 2), deixa claro que é um engano supor que a iniciativa de oferecer a espada tenha partido dele próprio. E conclui a publicação dizendo, porém, que é com muito prazer que a aceitaria.

E a afeição, o carinho e o respeito do Exército diante da bravura indômita do velho chefe podem ser notados nas palavras proferidas pelo Coronel Deodoro que, no dia da outorga, com a espada em mãos, diante de Osório e à frente de milhares de pessoas que tomavam o Campo da Várzea em Porto Alegre, proferiu:

“General. Os oficiais que no Exército Imperial tiveram a fortuna de servir sob suas ordens, na campanha contra o governo do Paraguai, reuniram-se por voto do mesmo Exército, para que vos fosse dado um duradouro sinal que patenteasse a amizade e a admiração condigna de vossas ações [...]. Tudo isso, General, deu lugar aos sentimentos de amizade e admiração consagrados por vossos comandados, e à honra e prazer de hoje entregavos esta oferta como prova do muito que vos querem: recebei-a, General, que é de coração”.

E Osório, ao receber garbosamente a oferta, apoderando-se da espada e segurando-a com as duas mãos, retribuiu:

“Sr. Coronel. Entre as honras com que me têm distinguido o governo do País, os governos aliados e os nossos compatriotas, pelos serviços que prestei à pátria, à Aliança e à liberdade, na América, nenhuma é mais sensível ao meu coração do que esta que hoje confere por vosso intermédio o valente Exército que tive a sorte de comandar [...]. É por isso que me acho em extremo penhorado pelo quinhão com que generosamente me brinda o vitorioso Exército Brasileiro na partilha das glórias que conquistou em tão dura guerra, e peço-lhe, senhor coronel, que como um dos heróis que fostes desta guerra, aceiteis, para transmitir a nossos camaradas, a manifestação de profunda gratidão que voto ao heroico Exército vingador das injúrias à Pátria, e os sentimentos que me inspiram o seu valor, o seu devotamento e incomparável abnegação”.

A beleza da peça que provocou emoção no velho General, por meses, também esteve em destaque, com igual desassossego, em diversos periódicos.

Citando a redação do O Guarany, de janeiro de 1871, sobre a confecção da espada de honra para o ínclito Patrono da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro, temos que “poucas vezes se há visto uma espada de honra tão bem merecida, mas também poucas vezes se tem visto um trabalho tão completo e de tão apurado gosto”. Ainda, a arma é “digna, por certo, do invicto e denodado guerreiro que nos campos do Paraguai deu de si as mais sobejas provas de bravura e patriotismo”.

A vultuosidade e a admiração da sociedade pela arma fizeram com que, prorrogadas as festividades inicialmente agendadas para julho de 1871, ela ficasse exposta para contemplação pública em lojas da Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro, até ser despachada junto com a comissão para Porto Alegre, onde foi outorgada ao Marquês do Herval.

que não tem. Existem nesta Côte muitas pessoas, cujos nomes apresentarei em público, se for a isso forçado, que viram todos os meus trabalhos para a espada que hoje se acha prompta, e que sabem que a ideia foi minha e unicamente minha. Não quero tirar honras a outros, mas também não quero que m'as tirem”

O agradecimento se inseriu no cronograma dos festejos organizados para galardoar o General e contou com o apoio de inúmeras comissões que haviam angariado, segundo a imprensa da época, sete contos de réis até meados de julho de 1871.

É também segundo reportagens de época que constatamos que, embora vitimados pelo mal-estar da guerra e pela crise econômica, a considerável soma angariada refletia o apreço que o povo nutria pelo ilustre militar antes mesmo de seu regresso definitivo para o Brasil.

Expressões como “solver dívida de gratidão” e “não esqueçamos, passado o momento de perigo [da guerra], da mão hábil e patriótica que nos trouxe a paz” foram muito comuns nos jornais da época.

Diante desse prestígio e expectativa, a comissão organizadora divulgava, com frequência, em diversos periódicos, o cronograma dos festejos, e, baseado nelas, podemos, resumidamente, dividir a celebração em onze atos/etapas:

- 1 Partida do Rio de Janeiro para Pelotas da comissão composta por três brasileiros e dois residentes estrangeiros das colônias mais populosas, encarregada em acompanhar Osorio durante o ato até Porto Alegre;
- 2 Do Rio de Janeiro partiriam, também, todos os vapores que se achassem no porto. A bordo de cada um, uma banda de música que, em dispositivo em forma de arco, receberiam a embarcação de Osorio;
- 3 Ao encontrarem o vapor que traria o General (já na Lagoa dos Patos), os vapores deveriam entrar em formação de linha, deixando a embarcação do convidado ao centro;
- 4 Ao fundear o vapor do General, seriam dadas salvas de artilharia que deveriam ser seguidas pelas das demais embarcações. O homenageado desembarcaria no Arsenal da Marinha e seguiria pela rua dos Andradas precedido por um piquete de cavalaria e seguido por bandas e pelo povo;
- 5 Os moradores das casas deveriam enfeitar as janelas com juncas de flores e folhagens, donde lançariam flores sobre cortejo do General;
- 6 Ao chegar à sua residência¹¹, Osorio se recolheria. O povo então deveria também se retirar para, posteriormente, retornar à noite para “victoriar” o General, ocasião na qual lhe seria apresentada as comissões e prestaram cumprimentos;
- 7 No alto da rua dos Andradas seria colocado luz elétrica, de forma que os moradores daquela rua seriam convidados a iluminar as frentes das casas;
- 8 Durante duas noites consecutivas, haveria espetáculo no Teatro de Porto Alegre;
- 9 No campo da Várzea, seria entregue a espada de honra, ofertada pelo Exército em um pavilhão especialmente montado, seguido de uma simulação de combate. Findo o simulacro,

¹¹ Baseado nos jornais da época, suspeitamos que, para a solenidade, Osorio tenha se instalado na casa do cunhado na Rua dos Andradas, em Porto Alegre. Sobre as residências do general naquela década, a bibliografia também aponta os atuais endereços: Praça Cel. Pedro Osório, 59, no centro de Pelotas-RS e Rua Riachuelo, 303, no centro do Rio de Janeiro.

o General passaria em revista às forças¹². Quanto ao ato da presenteação, o General seria acompanhado por um Estado-Maior, de Generais, Oficiais Superiores e Oficiais, quer em serviço ou dispensados, que quisessem dar-lhe essa prova de apreço. Um piquete deveria fazer-lhe a guarda pessoal. A comissão se esforçaria para que a outorga ocorresse no dia 16 de julho, aniversário de Humaitá;

10 À noite, baile de máscara no teatro, com entrada franca, sendo o General acompanhado da mesma forma que nos espetáculos dos dias anteriores. Após, baile no salão “Soirée Porto-Alegrense”;

11 Na rua dos Andradas, entre a casa do General Câmara¹³ e Osorio, haverá adornos com flâmulas, escudos e árvores. Em frente à casa de Osorio, será construído um coreto para bandas de músicas.

Para muito além de um presente conferido em celebração cívica, a arma acompanhou o legendário General cavalariano, como um troféu, em muitas de suas atividades públicas após obter autorização do Ministro da Guerra para poder cingi-la.

Dentre as vezes que a literatura o registrou com ela, citamos a visita de Osorio à Corte para uma conferência com o Imperador e a assunção ao Senado.

O último registro da espada junto ao Centauro que se tem notícia foi na fatídico funeral da manhã de 10 de outubro de 1879¹⁴.

Em cerimônia fúnebre realizada na igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo (Sé) em sufrágio à alma do General, ao centro, sobre um estrado de três degraus forrados de veludo preto e galões de ouro, onde fora colocado o caixão do mártir, repousava a espada e a coroa de marquês.

Em torno do catafalco, a velar a lenda, reuniram-se Voluntários da Pátria e militares que serviram no Paraguai sob o comando do venerando, representantes da imprensa, os membros da Câmara Municipal, alunas e diretoras dos Colégios Santa Isabel e S. Salvador, funcionários públicos e uma quantidade imensa de súditos que choravam a perda do velho combatente.

¹² Atual Praça da Alfândega, local onde hoje está a estátua equestre do general.

¹³ 2º Visconde de Pelotas.

¹⁴ Osorio falece em 4 de outubro de 1879, em sua casa na Rua Riachuelo, 117 (hoje numeral 303), antiga rua Mata-cavalos, no centro do Rio de Janeiro, em decorrência de pneumonia gangrenosa. Autorizado pelo filho, Dr. Fernando Luís Osório, o corpo foi embalsamado no dia 5 pelo médico Dr. Fernando Francisco da Costa Ferraz e, no dia seguinte, dia 6, às 10h00, o corpo seguiu para a igreja de Santa Cruz dos Militares. Após o ofício fúnebre e prestadas as honras militares, o ataúde partiu para a capela do Arsenal de Guerra da Corte. Segundo o periódico “Gazeta de Notícias”, em edição do dia 7 de outubro de 1879, no cortejo fúnebre em que seguiu o ataúde do general – transportado pelo coche Imperial cedido por D. Pedro II -, a ausência de dois elementos comuns das honras fúnebres de Generais chamou a atenção: “Provocou reparo não se ver após o féretro, como é de costume nos enterros dos generaes, o cavallo de batalha e a invicta espada do finado”. O mesmo jornal justifica a ausência da espada dizendo que “Nos momentos de angústia, porém nem tudo ocorre, e a falta d’essa formalidade, por certo não fez esquecer a um só que era o corpo de um bravo que ali ia”.

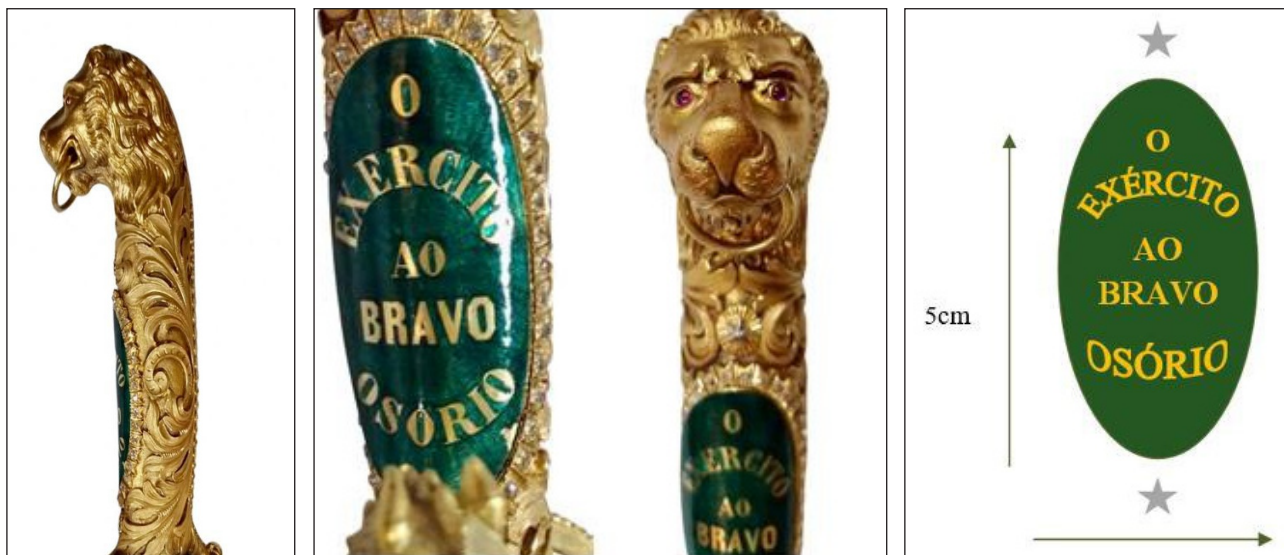
Descrição da Arma

Punho

O cabo do sabre de honra de Osório é de ouro e mede 17cm de comprimento.

Apresenta como capacete do cabo uma cabeça de leão, elemento simbolicamente adotado como expressão de bravura em nossa armaria, desde meados da primeira década do século XIX, cujos olhos são representados por dois rubis de cabochão. Da boca do animal pende suspensa uma argola destinada à fixação do fiador. (Este, fabricado com corrente de ouro e borla de brocado de franja, com dez canutilhos de prata dourada – disponível na montagem da página 15).

Todo o conjunto é adornado com volutas, folhagens em relevo e granitados; na frente, (abaixo da cabeça do leão, onde se fixam os dedos) uma placa elíptica esmaltada de verde, medindo 5cm de altura X 28cm de largura, com a inscrição em caracteres de ouro, em cinco linhas em pala, sendo a segunda e a quinta em arco, e as demais horizontais:



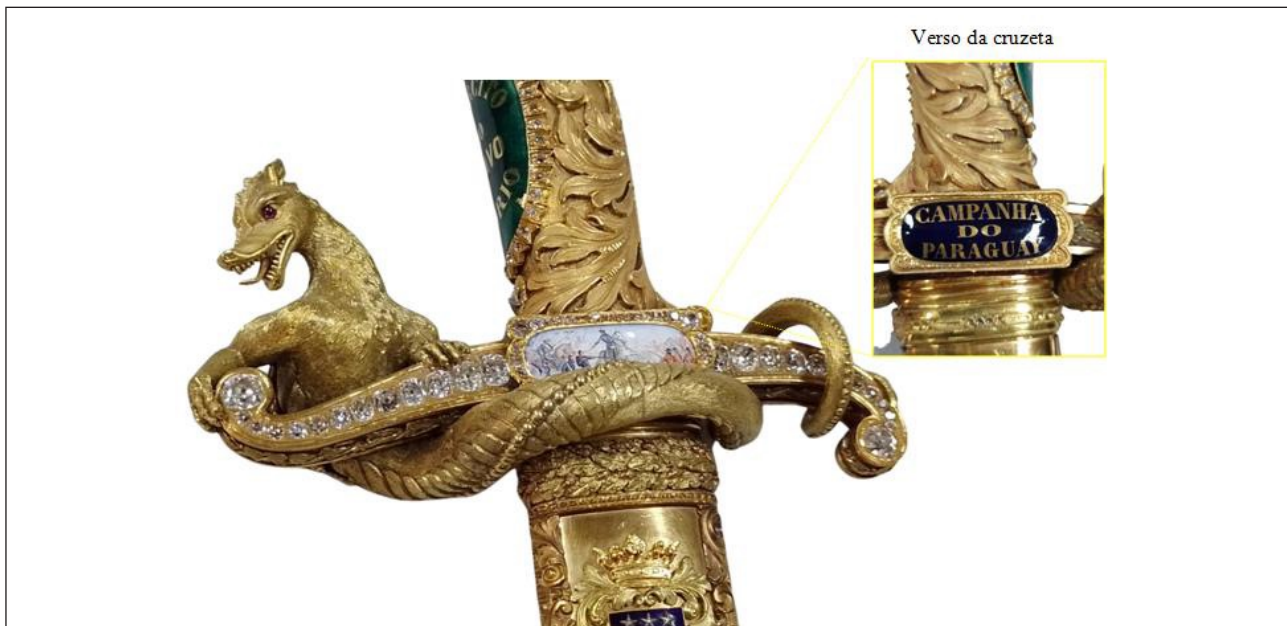
Representação da placa elíptica onde foi perpetuada a homenagem ao insigne cavalariano.

A placa é circundada por quarenta brilhantes e está entre duas estrelas de cinco pontas, de platina, aplicada sobre esplendores de ouro. Uma acima e outra abaixo da placa elíptica conforme representação gráfica acima.

A Cruzeta

Medindo 14cm de comprimento, a cruzeta em formato “S” assemelha-se ao formato das dos sabres de General do Império (aprovadas pelo Plano de Uniformes de 1852). Porém, diferencia-se pelo cravejamento de brilhantes: são vinte pedras distribuídas ao longo da peça.

Destacam-se nela os dois maiores aplicados nas extremidades.



Em toda a extensão da parte superior, inferior e traseira da cruzeta (ou seja, a parte que fica junto ao corpo, quando cingida), um cinzelado de ramos de louro. E nas duas extremidades traseiras da cruzeta, de costas com os dois maiores brilhantes, duas estrelas de platina.

No centro frontal da cruzeta, cravejado por uma cercadura de quarenta e cinco brilhantes, uma placa elíptica, esmaltada, curvilínea, medindo 33cm de largura X 13cm de altura. Nela, há uma representação de combate com Osório ao centro da refrega.

Na mesma altura, na face traseira da cruzeta, uma placa elíptica, esmaltada de azul, circundada por uma cercadura de ouro, semelhante à da placa frontal. Nela, veem-se caracteres grafados a ouro “CAMPANHA DO PARAGUAY”. Ao longo de toda a cruzeta, enrolado, um animal mitológico que se assemelha a um dragão, com os olhos representados também por dois rubis de cabochão¹⁵ (assim como os do leão).

Considerando a espada embainhada e cingida ao corpo, com o torso apoiado sobre a parte dianteira da cruzeta, o animal segura o brilhante maior com uma das patas. A forma como foi disposto permite interpretar que o animal protege as extremidades laterais da arma do ínclito.



¹⁵ A expressão “cabochão” no mundo da ourivesaria deriva-se do francês “caboché” e refere-se a técnica empregada no corte e lapidação da gema.

Sobre os brilhantes, conforme laudo de avaliação encomendado pelo Museu Histórico Nacional, à Caixa Econômica Federal, em 13 de março de 1963, temos a monta de 109 peças com peso aproximado de 18,5 quilates, distribuídos da seguinte forma:

- dois brilhantes de quatro quilates;
- oito brilhantes de quatro quilates e cinquenta pontos;
- quinze brilhantes de cinco quilates;
- quarenta e quatro brilhantes de um quilate e oitenta pontos; e
- quarenta brilhantes de três quilates e vinte pontos;

Bainha

Medindo 86cm de comprimento, e constituída por uma chapa de ouro liso e polida, a bainha pode ser dividida em três seções. A primeira, que inicia no bocal e vai até a primeira braçadeira da argola de suspensão. A segunda, que abrange a parte entre as duas braçadeiras das argolas de suspensão. Ambas, assim como o bocal, decoradas com folhas de carvalho. E a terceira, a maior delas, da segunda braçadeira da argola de suspensão até a extremidade da ponteira.

Na primeira seção, o Brasão de Armas do Marquês do Herval. Escudo francês com chefe em azul (bleu) e campo em vermelho (goles). No chefe, três estrelas de cinco pontas de prata. Em abismo, no campo do escudo, em ouro, um leão leopardado¹⁶ batalhante, empunhando uma espada. O escudo é ornamentado pelo lambrequim e seus paquifes e encimado por uma coroa de marquês.



¹⁶ De acordo com o Arquivo Nobiliárquico Brasileiro, o animal heráldico constante no brasão do marquês é um leopardo de prata. Vale observar que, no caso das Armas do General Osório, a leitura correta seria: "um leão leopardado batalhante", pois, a rigor, este não se acha enquadrado pelos casos normais na descrição dos animais, em Heráldica. Nesta Arte, a situação dos animais é descrita conforme a posição que ocupam (leão rompante, covarde, trepante, afrontado, acostado, nascente, sainte, subinte... e etc.)

Na segunda seção, rodeado por ramos de carvalho e louro, a representação feminina mitológica da Fama, a portadora das boas novas, dentro de uma elipse com borla cinzelada a imitar diamantes. A divindade aqui representada aponta a trombeta para o bocal, artisticamente anunciando o saque da lâmina, a proeminência de uma nova missão.

Ainda nessa seção, um listel corre na diagonal, da esquerda para a direita, com a inscrição em relevo “AVAHY”. (Vide colagem fotográfica na próxima página)

“Na terceira seção da bainha, entremeadado por folhas de acanto e um ramo de louro, símbolo da glória militar, uma reserva elíptica moldurada de ornatos cinzelados a modo de diamantes, com troféu militar, aplicado, em cujo centro figura uma cabeça de leão irradiante, símbolo da nobreza e da coragem, dentro de um oval. A reserva é ornada com os mesmos elementos da composição central da segunda seção”. (CRUZ, 1966)

Acima e abaixo da referida reserva, dois listeis atravessados em contrabanda (ou seja, em diagonal, da esquerda para a direita). O primeiro com a inscrição em relevo “HUMAITÁ”, e o segundo, com os dizeres “TUYUTY”.



Colagem fotográfica que contempla três dos quatro listeis das batalhas que são separados pelos esplendores.

Abaixo, há, também, em meio a um ramo de carvalho e folhas de acanto, uma segunda reserva elíptica moldurada e ornamentada com cinzelados a modo de diamantes das demais, mas com um troféu militar, em cujo centro, em forma de esplendor, figura uma águia de asas espalmadas sobre lanças, bandeiras e espadas raiadas.



Abaixo da mencionada reserva, correndo no mesmo sentido e posição, um último listel atravessa folhas de acanto com os dizeres “PASSO DA PÁTRIA”¹⁷, também em relevo.

Por fim, na extremidade da bainha, transmitindo subliminarmente uma ideia de corolário, vislumbra-se a figura da Vitória. Ereta com os pés sobre um orbe (de platina), cintado por duas tiras de ouro, a deusa aponta para uma estrela com a sinistra, enquanto cinge uma coroa de louros com a destra.

Todo esse arranjo apoia-se sobre um dragão¹⁸ que arremata a ponteira da peça.



¹⁷ A ordem da abordagem seguida pelos autores é a mesma do acadêmico Mário Cruz. Não obstante, é fundamental esclarecer que, cronologicamente, as batalhas consagradas na bainha da arma seguem a ordem contrária, de baixo para cima: Passo da Pátria (abril de 1866), Tuiuti (maio de 1866), Humaitá (fevereiro de 1868) e Avaí (dezembro de 1869).

¹⁸ De acordo com Cel Carlos Naccer da Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEX), são inúmeras as figuras quiméricas que compõem o rol brasonário. Apenas como exemplo, citamos algumas que são monstruosas e fabulosas, todas forjadas pela mente humana: harpia, licornes, grifos, dragões, hidras, serpes (serpe é um dragão com asas abertas e língua em forma de lança).

Como há diferenças entre o grifo e o dragão, identificamos essa figura como sendo a de um dragão. O grifo é alado, rompante (patas levantadas, asas abertas), com quatro patas, enquanto o dragão, também alado, apresenta-se apenas com duas patas dianteiras e tem sua calda em forma de lança ou serpe. Essa figura heráldica tem significação especial para o Brasil, pois, desde D. João I, é timbre da Casa Real Portuguesa pelo casamento daquele monarca com Dona Felipa de Lencastre, princesa inglesa que trazia em suas Armas essa figura.

Deste então, tem sido o dragão de Lencastre dado por alguns como de Bragança (inexistente) e passou ao Brasil como figura principal da Imperial Ordem de Pedro I, logo após a Independência.

Lâmina

A lâmina é semelhante e segue o padrão da maioria das dos sabres empregados no Brasil até meados de 1870. Modelo ligeiramente curvo, de aço, com dorso cilíndrico, ricasso curto; uma típica lâmina de combate.

Não há nela quaisquer elementos que permitam identificar procedência, fabricante ou fornecedor. Tampouco, há quaisquer decorações artísticas (adornos) ou sofisticções (no material empregado no processo de forja) que permita vinculá-la ao General ou mesmo ao IIº Reinado do Império Brasileiro.

Não obstante, a concepção da suntuosidade do conjunto, - corolário máximo das glórias de Osório – traz consigo, velada pela bainha, a infalibilidade de uma verdadeira lâmina de arma de guerra.

Esse arranjo expresso no contraste luxo versus simplicidade permite, inclusive, constatar a propositalidade poética na elaboração do conjunto. A ausência de carga decorativa na lâmina por si só já é atributo que a caracteriza simbolicamente. Ela evoca e concilia, num mesmo objeto, as privações da vida modesta em campanha, do bravo Cabo de Guerra, com a dos louros colhidos pelas vitórias no pós-campanha.

Não será surpresa se, no futuro, vier à tona fontes que permitam atestar, por exemplo, que a lâmina utilizada na confecção da espada de honra tenha sido extraída de uma das espadas utilizadas pelo generalíssimo no Paraguai.

Cinto

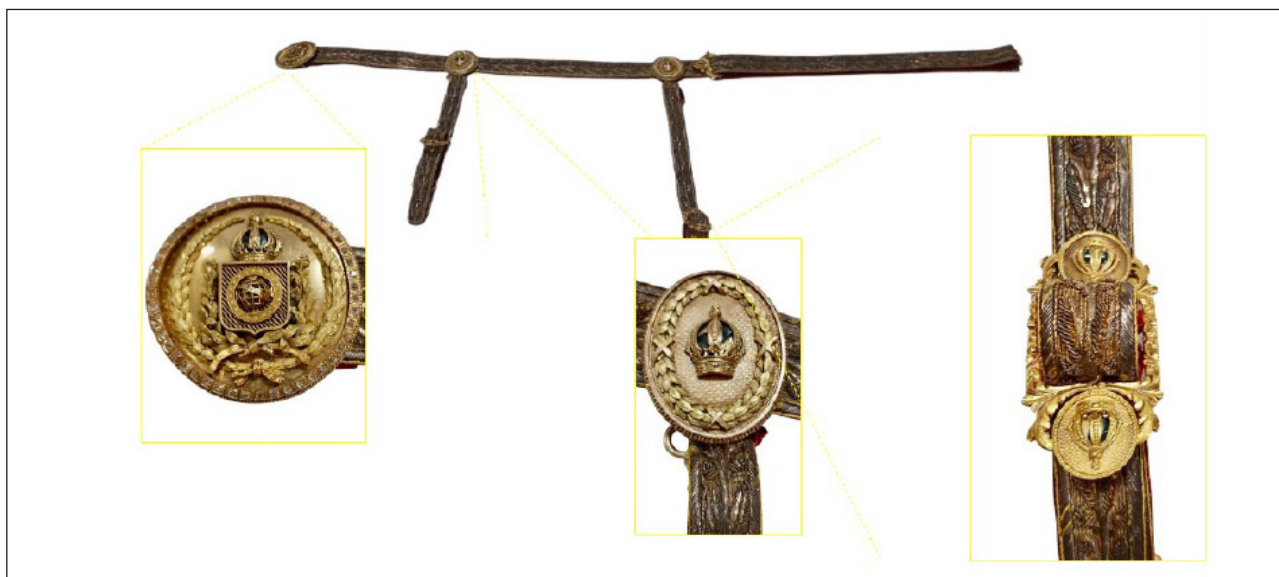
De brocado de prata dourada, de couro forrado com veludo vermelho, apresenta duas chapas elípticas, ovoides, de ouro, cada uma com uma coroa imperial do mesmo material com fundo (barrete) esmaltado de verde; circundadas por coroa de louros, estão entrelaçadas com quatro fitas em formato “X” cada uma. Toda essa moldura está cercada por um aro liso com folhagens, das quais pendem as guias (talins) que suspendem a espada, pelas argolas, na posição quase horizontal.

A fivela do cinto apresenta as armas imperiais (o Pequeno Brasão de Armas) sobre uma placa circular também de ouro, circundadas por dois ramos de louros atados pelas extremidades inferiores por um laço. Todo o conjunto é envolto por uma cercadura cravejada com 48 brilhantes.

Na outra extremidade, o fecho da fivela: cinzelado com folhagem tem, também aplicado, uma coroa imperial, com barrete esmaltado verde.

Em cada uma das guias (talins), seguindo o mesmo padrão decorativo da fivela e das duas chapas que interligam o correame, existem passadores (mosquetões) que regulam o comprimento da guia.

Por fim, preso à argola da primeira placa que encima a guia menor, um gancho em forma de serpente escamada. Nele, cingia-se a arma junto ao corpo, suspensa pela primeira argola da bainha, deixando a arma em posição quase paralela à perna.

**Ficha técnica da espada**

Tamanho do sabre embainhado:	1,01m
Comprimento da lâmina:	0,84cm
Peso total:	1,920g

Ficha técnica do cinto

Tamanho:	1,11m
Talim / Guia maior:	0,71cm
Talim / Guia menor:	0,35cm



Ao centro, em destaque, o Brasão Heráldico do Marquês do Herval. Bocal e presilha da argola superior profusamente cinzeladas. Observa-se que o Brasão d'Armas está cercado, em destaque, por folhagens de louro e carvalho, símbolos da glória e do generalato.

Fama: figura mitológica angelical, soando com a destra uma trombeta “anunciando”, acima, o prelúdio do saque da lâmina diante de uma nova missão.

Na sinistra, segura uma coroa de louros.

Esplendor com troféus de guerra. Águia espalmada sobreposta às flâmulas, bandeiras, espadas e lanças.

O mesmo recurso decorativo é o que se verifica na reserva elíptica acima onde aparece no local da águia a figura de um leão. Esse último na Heráldica representa a bravura natural e a justiça e nobreza humana.

Vitória: o triunfo representado por divindade feminina sobre um orbe. A extremidade da ponteira da bainha é arrematada com a figura de um animal mitológico que se assemelha a um dragão.

Agradecimentos:

Cel Carlos Naccar do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx)

Cel Castro Alves da Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEX)

Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana (MHEx/FC)

Instituto de Geografia e História Militar Brasileira

Professor Adilson Cesar Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Fontes:

A reforma: Órgão Democrático (RJ). Edição de 17 de janeiro de 1871. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=226440&pesq=%22espada%20de%20honra%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=1986>

BARROSO, Gustavo. **OSORIO, O CENTAURO DOS PAMPAS.** Ed. Guanabara, 1932. Disponível em:

<https://archive.org/details/OsrioOCentauroDosPampasGustavoBarroso/page/n27/mode/2up>.

CRUZ, Mário. **O SABRE DE HONRA DE OSÓRIO,** 1966. Petrópolis RJ.

Diário de São Paulo. Edição de 12 de setembro de 1871, pág. 2. Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709557&pesq=%22espada%20de%20honra%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=6914>

Diário do Rio de Janeiro, 1871. Edição de 20 de Janeiro de 1871. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_02&pesq=%22espada%20de%20honra%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=26842

Jornal de Sergipe. Edição nº 104 de 24 de outubro de 1879, especial “O General Osorio” pág. 3. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=228010&pagfis=337&url=http://memoria.bn.br/docreader#>

Jornal do Commercio (RJ). Edição de 20 de janeiro de 1871. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_06&pesq=%22espada%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=1930

Monitor Campista. Edição de 11 de outubro de 1879, pág. 2. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030740&pesq=%22espada%20de%20honra%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=4580>

O Guarany: Folha Ilustrada Literária, Artística, Noticiosa e Crítica. Rio de Janeiro, Edição de 29 de janeiro de 1871. Número 3. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=748390&pagfis=22>

SILVA, Pretextato Maciel da. **Os generaes do Exército brasileiro de 1822 a 1889: Traços Biographicos.** Vol.1. Ed M. Orosco, 1906.

Iconografia:

Imagens cedidas pelo Museu Histórico do Exército / Forte de Copacabana, capturadas e editadas pelos autores.

Anexos:

ANEXO A – MAPA DA REGIÃO RURAL DE URUGUAIANA-RS, ARROIO PINDAÍ





ANEXO B - ANÚNCIO PUBLICITÁRIO VEICULADO NO JORNAL DO COMMERCIO (RJ) ANNO 49 ED. 58 DE 27 DE FEVEREIRO DE 1870



ANEXO C - PUBLICIDADE DO ARTISTA JOSÉ BERNA, ENVOLVIDO NO PROJETO DA ESPADA DE HONRA, VEICULADA COMERCIALMENTE EM 1865, NO JORNAL DO COMÉRCIO DO RIO DE JANEIRO.



ANEXO D - "ARMAS IMPERIAIS" ESCULPIDO EM MÁRMORE PELO ARTISTA JOSÉ BERNA, NA DÉCADA DE 1860, NO RIO DE JANEIRO.